

**ESTUDO PARA SUBSIDIAR A PROPOSTA DE  
CRIAÇÃO DE UMA RESERVA DE  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS  
COMUNIDADES CABOCLAS DO BAIRRO  
RIBEIRÃO DOS CAMARGO (Iporanga, Vale  
do Ribeira-SP) COMO PARTE DO MOSAICO  
DE PARANAPIACABA**

---

**21/01/2014**

**Iporanga/São Paulo**

## Equipe Responsável

Maria Dolores Torres Rubio (Historiadora e Documentarista - Iporanga)  
Claudionor Henrique Pedroso (especialista local em comunidades tradicionais - Iporanga)

Sabrina D'Almeida (Doutoranda em Antropologia Social - USP)

Emmanuel Duarte Almada (Biólogo e Doutor no Programa Ambiente e Sociedade - Unicamp)

Julio Ramos de Toledo (Historiador e mestrando no Programa de Ciência Ambiental - USP)

José Guilherme Maia Lopes (Historiador e documentarista)

Fernando Avena (estudante de graduação em Agronomia - UNESP)

Darci Santana (caboclo e auxiliar local em georreferenciamento)

Benedito de Almeida (caboclo e auxiliar local em georreferenciamento)

Faustino Pedroso Henrique (caboclo e auxiliar local em georreferenciamento)

Antonio Carlos Diegues (Coordenador do Nupaub/USP)

## **Agradecimentos**

A Equipe responsável agradece aos caboclos do Ribeirão dos Camargo pela participação ativa, dedicação, hospitalidade e disponibilidade em participar da pesquisa de campo.

Agradecimento especial ao Seu Atanásio, caboclo morador de Ribeirão dos Camargo (*in memoriam*).

## **Apresentação**

Esta proposta consta de duas partes: a primeira contém o estudo sócio-econômico ambiental como subsídio à proposta de criação da RDS de Ribeirão dos Camargo, bairro rural formado por várias comunidades caboclas, situado no município de Iporanga (SP), Vale do Ribeira. A segunda parte refere-se à mobilização dessas comunidades em torno de uma associação intitulada *Associação das Comunidades Caboclas do Ribeirão dos Camargo*, solicitante dessa RDS. Consta também dessa segunda parte a ata da Associação aprovando o pedido da criação dessa unidade de conservação de uso sustentável incluindo os limites da área proposta.

### **Primeira Parte: o estudo sócio-econômico ambiental da área**

Este estudo teve início em 2012, quando pesquisadores do Nupaub - Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas da USP e do NEPAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais) da Unicamp, foram solicitados pelas comunidades de Ribeirão dos Camargo para, juntamente com eles, descreverem os aspectos mais relevantes do modo de vida tradicional, o histórico de ocupação da área solicitada como RDS, os problemas que enfrentam e os benefícios que podem advir da criação dessa unidade de conservação tanto para a proteção da biodiversidade quanto para a melhoria das condições de vida dos moradores. Esses moradores se definem como “caboclos”, frutos da miscigenação entre os colonizadores portugueses, os povos indígenas e os negros. No estudo do Ministério do Meio-Ambiente intitulado *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*, organizado por Rinaldo Arruda e Antonio Diegues (2001), essas comunidades tradicionais que vivem ao longo de diversos rios não-amazônicos são definidos Caboclos Ribeirinhos não-amazônicos. As comunidades partem do princípio de que a declaração de uma RDS protege seus direitos de comunidade tradicional e seu modo de vida, além de contribuir para a conservação da biodiversidade.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) define RDS em seu artigo 20:

Art. 20. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica.

§ 1º A Reserva de Desenvolvimento Sustentável tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações.

Além disso, *povos e comunidades tradicionais* são definidos no decreto que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais como:

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.(artigo 3 (1)

O mesmo dispositivo jurídico também apresenta a definição de territórios tradicionais como sendo:

espaços necessários para a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas os artigos 231 da Constituição de 1988.

Os modos de vida são definidos como:

a maneira pela qual os povos e comunidades tradicionais produzem seus meios de subsistência, reproduzindo também social e culturalmente.

## **1. Histórico da ocupação da área**

O Ribeirão dos Camargo é um bairro rural constituído de várias comunidades caboclas: Ribeirãozinho, Sete Quedas, Camargo, Taloá, Morro do Chumbo, Caraíba, Monjolinho, Passa Vinte e Fartinho, compostas ao todo por uma população de cerca de 23 famílias (ver Mapa 1).

O Ribeirão dos Camargo é um bairro rural do Município de Iporanga, SP, situado no Alto Ribeira e apresenta uma longa história de ocupação que data do ciclo de mineração do ouro que se iniciou em meados do século XVI, com o uso de mão-de-obra indígena e posteriormente escrava e negra. Esse bairro rural, habitado principalmente por mineradores e agricultores, era chamado inicialmente de Arraial de Santo Antonio que, em 1822, se deslocou alguns quilômetros para o que é hoje Iporanga, sede do município do mesmo nome.

As comunidades caboclas viveram tempos áureos, com a extração do rico metal, e dedicando-se a comercialização da pequena agricultura, do milho, arroz, feijão, farinha de mandioca, aguardente, porcos e criação de pequenos animais e aves.

Por volta de 1780, a grande maioria dos senhores das lavras segue em direção às lavras das Minas Gerais, carregando seu escravos, êxodo este complementado em 1822, com a grande leva de famílias que

imigram para a foz do mesmo rio (Ribeirão Iporanga), próximo ao Rio Ribeira, onde situa-se atualmente a sede do município de Iporanga.

Um dos cronistas mais importantes para a história de Iporanga, Edmund KRUG, fez algumas descrições sobre o assunto em 1912, baseando-se em citações do Livro de Tombo de Iporanga. Como relata Luiz Afonso Vaz de Figueiredo, citando Krug :

Na era de mil sete centos e sincoenta e cinco, os mineiros que trabalhavam nas lavras de ouro no Ribeirão de Yporanga [...], fizeram huma capella de paredes de taipas e cobrirão com telhas, no mesmo lugar da outra capella mais antiga coberta de capim, que os mencionados tinham feito, logo depois que vierão habitar no dito Ribeirão, em razão de ficar perto de suas lavras, de oiro, e Garcia Rodrigues Paes deu a imagem de Santa Anna para padroeira da dita nova capella, e Antonio Leme de Alvarenga deo para a dita imagem hum resplendor e coroa de oiro, que até o dia de hoje existe [...]"(KRUG, 1913: 30).

Na lista do Arraial de Iporanga dentro da Vila de Apiahy, publicado no portal do Arquivo Público Estadual de São Paulo, consta que “ *em 1784, viviam cerca de 950 pessoas se dedicando as atividades do garimpo e das roças para produção de alimentos e vendas*”. (Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo, disponível em [www.arquivoestado.sp.gov.br](http://www.arquivoestado.sp.gov.br)).

O relato de moradores antigos do Ribeirão dos Camargo demonstra a antiguidade da ocupação dessa área. O relato de Luiz Gonzaga, 60 anos e morador caboclo, remete à origem e à história de seus familiares na comunidade:

A gente é nascido e se criado aqui, os pais, as mães, os avos, o bisavó... Nossa herança é de trezentos, quatrocentos anos. Meu pai é Benedito Franco de Lima e minha mãe Maria de Souza Lima, nascidos no Camargo ali...Ribeirão dos

Camargo. Nasceram tudo lá, no sítio lá. Meu pai faleceu com 86 anos e minha mãe com 84 anos. Agora a avó faleceu com 90 anos lá no sítio, onde foi nascido e se criado, assim como os pais dele e dela, também do Camargo. Quem construiu aquela igreja de Iporanga, católica, foi um alemão (bisavô do entrevistado). Ai veio construiu aquela igreja... ai como não tinha todo o dinheiro, eles deram um pouco de dinheiro pagaram parte em dinheiro e parte em terras no Camargo (em 1884).. Eles faleceram e a terra ficou pra nos.. e nós tamos lá... lutando..."

O povoado dos Camargos se desenvolveu, recebendo o nome de Arraial de Santo Antonio, formando diversas localidades ao seu redor: "*Carahiba, Camargo, Ribeirãozinho, Taluá, Passa Vinte, Sete Quedas, Morro do Chumbo e Monjolinho*", como relata Sr. Antonio Henrique Pedroso, o mais antigo morador caboclo, 86 anos, falecido em 2013<sup>1</sup>

Nós nascemos no Ribeirão Iporanga...nos tratava primeiro por Tres Forquilha, por mode lá em cima era Três Forquilha, mas o nome era Carahiba...meu pai nasceu lá, divisando com o Camargo... Theodoro Looze ( filho de Guilherme Looze, construtor da igreja de Iporanga, em 1882)vem de lá, divisa do terreno dos Henrique, era mais lá em cima...morou lá criou os filhos... filharada deles casaram tudo...outros tantos foram embora... Meu pai diz quer ele era alemão, eu não conheci...ai veio o tar de Euzebio, com minha avó, que era Ana de Moraes...essas gente dos Moraezada ai de baixo... Esse tempo era tudo na roça, caboclo, tudo na roça... Essa gente do Taluá, que morou lá do lado da Serra, tar de Reducino de Moura, era família de Ernesto Florindo de Moura, Thomé Florindo de Moura que era o pai (refere-se à

---

<sup>1</sup> Sr. Antonio Henrique Pedroso em entrevista com a equipe do Ponto de cultura "Coisas da Prosa" e Nupaub/USP, dia de 2013.



família Moura, ainda residente no Morro do Chumbo-Bairro dos Caboclos).

No registro do Livro de Terras de São Paulo de 1856, são registradas duas posses de Salvador Henrique, bisavó de Antonio Henrique Pedroso, na mesma localidade.

Em 1822 foi erigida a Igreja às margens do Rio Ribeira, no local que é hoje a cidade sede de Iporanga e, em 1832, a vila foi transformada em freguesia, atraindo parte da população que morava no Ribeirão dos Camargo (Lisboa, Benjamin: 1990.)

O sr. Luiz Franco faz menção ao seu bisavó materno, o alemão Guilherme Looze, que sendo o construtor da torre da igreja matriz em Iporanga, recebeu da igreja, como parte do pagamento em 1884, as terras do Camargo.

Na região do Alto Ribeira, o final do ciclo do ouro, por volta de 1800, ocasionou uma estagnação econômica e a população se voltou para as atividades agrícolas e pecuárias. Inicialmente, os cultivos eram de subsistência, em particular o milho, o arroz, a batata e a mandioca. Posteriormente foram introduzidos cultivos mais comerciais como a cana de açúcar, matéria-prima para a fabricação da cachaça e da rapadura. Iporanga, por sua vez, se transformou num local de passagem de tropeiros que vinham do sul em direção à Sorocaba. Iniciou-se a criação de suínos na região, cujos sub-produtos, como o toucinho, eram exportados, mas a peste suína levou ao fim dessa atividade e outra vez muitos moradores voltaram para os cultivos de subsistência. A mineração do chumbo, iniciada em meados do século XIX, no local onde hoje é o Morro do Chumbo, no Ribeirão dos Camargo, teve vida curta.

Atualmente residem nas localidades do bairro Ribeirão dos Camargo 23 famílias caboclas, descendentes de três troncos familiares: *Florindo de Moura*, que descendem diretamente de José de Moura Rollim; *Henrique Pedroso e Santana*, que descendem de Salvador Henriques; e, por fim,

*Guilherme Looze*. Seus descendentes mantiveram o modo de vida e as manifestações culturais herdadas de seus antepassados, dedicando-se à pequena agricultura de subsistência e às diferentes formas de trabalho coletivo, como a *reunida* e a *troca de dias*. Continuam realizando a Romaria de São Gonçalo e os laços de parentesco e vizinhança continuam fortes no interior da comunidade, sendo atualizados e fortalecidos nas relações de solidariedade e reciprocidade.

### **1.1. A situação atual: as unidades de conservação**

O principal elemento que passa a modificar drasticamente a vida cotidiana das comunidades tradicionais do Vale do Ribeira foi a política adotada pelo Estado de instalação e implantação das unidades de conservação de proteção integral em toda a região, iniciada em meados de 1950. O primeiro Parque a incidir sobre o território das comunidades tradicionais, de modo a impactar seu modo de vida e subsistência, foi o PETAR – Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira. Esse parque foi criado em 1958 e possui uma área total de 35.884 hectares e, depois de sua criação, foram criados os Parques Estaduais de Carlos Botelho, de Jacupiranga e de Intervales.

A partir da política de implantação dessas unidades de conservação de proteção integral, que não permite a presença humana, o próprio Estado assume o papel de intervir de forma direta na vida cotidiana das comunidades tradicionais como os caboclos, quilombos, caiçaras e pequenos sitiantes da região, sobrecaindo sobre estes o ônus das restrições ambientais. Essa legislação deixa de considerar e reconhecer a ocupação ancestral dessas comunidades, seus direitos de posse e seus modos simbólicos e identitários de relação com o território. Ao mesmo tempo, os moradores dessas áreas protegidas não foram considerados parceiros importantes para a conservação da natureza.

Essa situação começou a mudar com a criação do SNUC, em 2001, e, pela primeira vez, foi reconhecida oficialmente a presença dessas

comunidades nas áreas protegidas, apesar do fato de que grande parte das atividades tradicionais de agricultura e extrativismo continuam a sofrer limitações. O reconhecimento das terras quilombolas na região, a mobilização dos moradores e o apoio de entidades e instituições, como a EEACONE e a Defensoria Pública (Unidade Registro), tem sido importantes para a construção de uma nova visão da importância das comunidades tradicionais e de seu conhecimento sobre a biodiversidade nas terras que ocupam há muito tempo.

## **2. A sócio-biodiversidade nas terras da comunidade**

A região onde está localizado o Bairro Ribeirão apresenta uma grande biodiversidade de flora, fauna, bem como um grande número de rios, córregos, riachos e lagoas. Entre os principais rios podemos citar: Ribeirão Iporanga, Maximiano e Ribeirãozinho. Córregos: Sete Quedas, Taquaruçu, Bambu Amarelo, Sepultura, Isaias, Chumbo, Monjolo, Monjolino, Taluá, Fartinho, entre outros. Lagoas: Amarela, do Passa Vinte e Cachoeiras: Maximiano, Sete Reis, entre outras.

Este levantamento está baseado nos estudos etnoecológicos e etnobiológicos realizados por pesquisadores do Nupaub/USP e Nepam/Unicamp, sendo que a maior parte das informações sobre flora, fauna e hidrografia foram recolhidas através de depoimentos dos moradores mais antigos reunidos em grupo, o que significa que estas informações possuem um caráter coletivo.

<b>FLORA</b>	
<b>Tipos</b>	<b>Espécies</b>
<b>A.1- Madeiras de lei</b>	Taioveira, Mindigaú, Cedro, Canela Preta, Tarumã, Jatobá, piúva, canela sassafras, ariribá, guaricica, balsimeiro, aricurana, ipê amarelo,

	ipê roxo, guacá, parapaçu, Essas madeiras são tradicionalmente utilizadas para esteios de casa, mourão de mangueira de porco, mourão de curral, construção de cercas, construção de monjolos, feitio de tábuas, caibros, ripas, etc.
<b>A.2- Espécies utilizadas para uso medicinal</b>	balsimeiro (uso da casca para ferimentos); espinheira santa (uso para dor de estomago); caetezinho ou pacová (dor de barriga e febre); cana do brejo (uso para diabete); quina (malária, febre); jatobá (dor de barriga, e diarréia); fedegoso (estômago e fígado); macela (dor de barriga de criança, para gases); hortelã doce (lombriga, vermes de criança); poejo (tosse); anador (febre e dor de cabeça); capim cidreira (calmante); jabbitana (garrafadas); salsa-parrilha (dores de estomago); boldo do Chile (estômago, fígado); pariparoba (doença de bexiga e rins); chapéu de couro (pressão, coração, estômago).
<b>A.3- Madeiras utilizadas para obtenção de energia (lenha)</b>	cuvatã, tabucuva, umbiuva, fruto de pomba, árvore de macuco, jacaré, bico de pato, guaviroba, guacá, tapixingui.
<b>A.4- Espécies utilizadas para feitio de cabos de ferramentas</b>	guê, rabo de burro, casca de areia, guaçatunga.
<b>A.5- Espécies utilizadas para alimentação</b>	bacupari, guacá, ariticum, araçá do mato, ata, jabuticaba, ínga, ingamirim, goiaba, maracujá do mato, brejaúva, palmito juçara, coqueiro jerivá, indaiá.
<b>A.6- Espécies utilizadas para o feitio de telhado de casas, currais, galinheiros</b>	palmeira juçara, sapé e taquara lisa.

<b>FAUNA</b>	
<b>Tipos</b>	<b>Espécies</b>
<b>B.1- Mamíferos</b>	Onça pintada, onça parda, onça preta, jaguatirica, queixada, cateto, capivara, cotia, quati, paca, tatu de rabo mole, tatu de rabo duro, mono, macaco preto, bugio, veado

	vermelho, anta.
<b>B.2- Ave-fauna</b>	rolinha, pavão, jaó, macuco, tucano, juriti, uru, tié sangue, tié fogo, saíras, maritaca, papagaio, sábias, sanhaçus, nhambú, urutagua, jacutinga.
<b>B.3- Peixes</b>	cascardo, cará, lambari, bagre, lisbão, mandichorão, taraputanga.

## AGRO-BIODIVERSIDADE

### C.1- Classificação dos solos

<b>Tipo</b>	<b>Caracterização e tipo de cultivo</b>
<b>1- Terras brancas</b>	são terras ácidas usadas para o plantio do arroz. As partes mais altas são cobertas com diversas espécies vegetais como Guaracica, nataeiro (manacá da serra), bucuva e embaúba.
<b>2- Terras pretas (calcário)</b>	Entre as espécies ali cultivadas estão o milho, o feijão, abóbora, entre outras. A cobertura vegetal é feita pela figueira branca, guapiruvu, imbueiro, entre outras .
<b>3- Terra de massapé</b>	são porosas, de cor avermelhada, utilizada no plantio da cana, abacaxi, café, batata doce, entre outras.
<b>4- Terras de brejo</b>	mais úmidas, usadas para o cultivo do arroz.

### C.2- Conhecimento sobre a sucessão da vegetação

<b>1- Mata virgem</b>	sendo o primeiro estágio de sucessão, são áreas onde existem espécies arbóreas ou de lei, como a canela, o angico, o jatobá, capaiva, guapeva, arapaçu, entre outras.
<b>2- Capoeiras</b>	Considerada o segundo estágio de sucessão. Mata secundária: onde predominam o capoeirão grosso, cuja vegetação tem cerca de vinte anos após o corte da mata virgem. Capoeira fina: a recuperação da mata leva cerca de três a cinco anos. Nesse estágio predominam espécies como: tucaneira, nataeiro, figueira o

	guapiruvu.
<b>3- Tigüera</b>	Terceiro estágio existente após o início do pousio, nela predominando uma vegetação rasteira, composta por espécies como: braço de reis, bixarana, assa-peixe. Em parte desta área usa-se também o plantio de bananeiras, taiás, feijão e legumes.
<b>4- Roça</b>	Nas roças são plantadas espécies como arroz, mandioca, feijão, milho, amendoim, abóbora, pepino, batata doce, cana de açúcar, etc. A roça é feita em geral após o corte da vegetação como a de capoeirão e, no passado, o solo era utilizado por cerca de dez anos sem o uso de fertilizantes, deixando-se em seguida em pousio.
<b>5- Quintais</b>	Estão localizados próximos às moradias, onde estão os pomares em que são cultivadas as espécies frutíferas tais como: goiabeira, ata, abacateiro, limoeiro, citros em geral, ananás, amora, ameixa, entre outros. Ainda nos quintais existe a horta onde se cultiva a couve, o taiá, o almeirão brabo, serralha, além das ervas para tempero culinário como o coentro nativo, pimenta cumari, cebolinha, alfavaca, entre outras.
<b>C3- A biodiversidade das espécies cultivadas</b>	
<b>Mandioca</b>	são plantadas as variedades denominadas Vassourinha (a mais antiga), mandioca pão, mandioca amarela, mandioca de rama preta e a mandioca braba e de rama roxa, estas duas últimas utilizadas para a fabricação da farinha.
<b>Batata doce</b>	são cultivadas as variedades de casca roxa, casca branca e casca amarela.
<b>Arroz</b>	no banhado são cultivadas as espécies denominadas barriga branca, tirivinha e brejeiro. Na terra seca cultiva-se o agulhão, a agulhinha, o arroz de três meses e o

	talo roxo.
<b>Feijão</b>	as variedades mais cultivadas são: mulatinho, roxinho mineiro, cara suja, fava, rosinha, feijão preto, feijão branco, feijão amarelo, mouro, feijão mamona.
<b>Milho</b>	as variedades mais cultivadas são, o híbrido antigo, híbrido fino, híbrido agrocel de palha roxa, híbrido branco, amarelão, milho canjica. O milho cunha de espiga fina e grão duro e grande já se perdeu.
<b>Cana-de-acúcar</b>	as variedades mais cultivadas são: as javá verde, javanesa, javá branca, a flor de Cuba, a caiana, a riscada, e a variedade 420.
<b>Banana</b>	as variedades são: banana da terra ou maranhão, o nanicão, a naniquinha, a pêra ou ouro, o rabo de mico, a cinza, a veíaca, o pacova, a vinagre/preta, a mística, maça.
<b>Amendoim</b>	as variedades são: o rasteiro, a espingarda.
<b>Abóbora</b>	as variedades são: menina, paulistinha, redonda rajada, redonda amarela.
<b>Pepino</b>	as variedades são: entre os mais antigos, estão o caiano, o branco e o pretinho, entre as mais recentes, a caipirinha e o japonês.

### **3. Perfil sócio-econômico da comunidade hoje**

O bairro Ribeirão dos Camargo conta hoje com uma média de 138 moradores que se dividem em 23 famílias, havendo uma média de quatro filhos por família. A faixa etária dos filhos varia de 4 a 10 anos e de 14 a 18 anos.

#### **3.1. Atividades econômicas**

As famílias são a unidade de produção e consumo e se dedicam principalmente ao cultivo agrícola para subsistência. Em média, 20 dias do

mês são dedicados às atividades na roça familiar e 10 dias para atividades como diaristas em propriedades fora da comunidade. A renda familiar é obtida através da venda de excedentes dos produtos da roça e nas atividades que desenvolvem como diaristas. Nos dias de hoje, a maioria dos moradores (em torno de 80%) também contam com o auxílio financeiro governamental como o Programa Bolsa Família, do governo federal, e o Programa Renda Cidadã, do governo estadual. A renda média de cada família gira em torno de R\$ 300,00 a R\$ 400,00.

### **3.2 comercialização**

O município de Iporanga é a referência dos moradores de Ribeirão para a comercialização de seus produtos, como arroz, feijão, banana, frutas da estação, verduras, ovos, leite e animais de criação (gado, galinhas e porcos). Também é na cidade que se abastecem dos produtos necessários no cotidiano, entre os principais podemos citar o combustível para os lampiões de pavio, fósforo e sal. Também é muito comum no Bairro Ribeirão que os vizinhos mantenham relações de troca ( não-monetaria)entre si. Como exemplos podemos citar a troca de sementes e a troca de produtos da roça, podendo haver também a troca de um produto da roça por um animal de criação.

### **3.3. As atividades agrícolas**

O território de Ribeirão dos Camargo, para além da sua rica biodiversidade, é marcado e constituído pelo processo histórico de ocupação e apropriação das famílias que nele vivem. A vida em Ribeirão dos Camargo sempre esteve assentada no trabalho da terra, por meio da agricultura itinerante de corte e queima. Seguindo o mesmo padrão observado em grande parte da Mata Atlântica, Amazônia e outras florestas tropicais, esse tipo de agricultura representa um complexo sistema de manejo agrícola. Longe de ser um fator de declínio local de diversidade, inúmeros estudos tem demonstrado a importância das práticas agrícolas tradicionais para manutenção e até mesmo incremento da biodiversidade, especialmente na escala de paisagem. (Gomez-Pompa e Andrea Kaus,



2000)

Após a derrubada da mata para a formação de uma nova roça, a área é queimada, atividades realizadas principalmente entre os meses de julho e agosto. A área era então carpida e se realizava o plantio entre os restos da queimada. Nesta terra, ainda "forte", se plantava feijão e milho associados também pepino e abóbora, por dois a três anos, quando a terra "enfraquecia" e então se passava para o cultivo de abacaxi e cana. A abertura de uma nova roça implicava na realização de uma "reunida", trabalho em grupo entre vizinhos para a realização de uma determinada tarefa.

O cultivo de arroz, de extrema importância econômica e cultural para a comunidade, era realizada nas áreas de baixada, próximo aos rios. Além das roças e cultivos em hortas, um grande número de espécies nativas era utilizado pela comunidade para alimentação, lenha, cuidados com a saúde. Tanto as capoeiras em regeneração quanto as áreas de mata representam fontes importantes de recurso vegetal. Vale salientar que muitas espécies importantes são mais abundantes nas áreas de capoeiras que na própria mata.

As práticas tradicionais: A roças de coivara utilizada pelos caboclos, é um modo de trabalho herdados dos antigos índios, para o plantio de subsistência das famílias. Planta-se o arroz, o feijão, o milho, abóbora, banana, batata doce, mandioca, pimenta, cana-de-açúcar, mamão e pupunha.

As roças de coivara são iniciadas, nos meses de julho, agosto ou setembro, onde é derrubado a mata, e logo após a secagem dos fachos de mato, é iniciado a queima para a limpeza do terreno.

Pequenos pedaços de madeiras que não foram queimados podem ser enleirados e queimados para completar melhor a limpeza do terreno de plantio. A área aberta é utilizada por um tempo de quatro a seis plantios sucessivos e intercalados, dependendo da qualidade da terra e do solo. Quando é notado o enfraquecimento do solo, a área é deixada por

um período de pousio de 10 a 20 anos para a recuperação natural, sendo então aberta uma nova área para o plantio. Após a implantação dos parques, as áreas de roças caboclas foram reduzidas significativamente, decorrente das proibições e pressões exercidas pelos agentes da fiscalização ambiental. Em parte, como resultado dessas proibições foram abandonadas várias práticas de cooperação na roça e várias práticas culturais ligadas à agricultura.

### **3.4. Calendários de Plantio.**

O primeiro cultivar a ser iniciado após a queima das roças é o feijão, intercalado com o milho. Após a retirada do feijão e milho, é feita a capina para o plantio do arroz intercalado com o milho, pepino ou abobora. O tamanho da área utilizada atualmente varia segundo o tipo do plantio. Devido às restrições ambientais e dificuldades de escoamento da pequena produção, a área plantada pode variar de uma quarta a um alqueire. A produção de feijão varia de família para família, podendo ser de 2 a 5 sacas de 50 kg/ por família. A do milho varia de cinco dez cargueiros de burro, ou seja de 5 a 10 sacas anuais. O arroz pode ter uma produção anual de 5 a 10 sacas de 50 kg.

### **3.5. As práticas de trabalho coletivo na agricultura**

Os moradores continuam mantendo algumas práticas de trabalho coletivas que herdaram de seus antepassados, enquanto outras já desapareceram. Na época de seus pais e avós era muito comum três modalidades de trabalho coletivo: o *puxirão*; o *mutirão* e a *troca de dias*. Dessas, somente as duas últimas ainda são praticadas

Os moradores entrevistados informaram que a prática do puxirão - como já foi bem trabalhada na bibliografia sobre os bairros rurais - é convocada quando algum trabalho mais pesado necessita ser feito num espaço curto de tempo e a mão-de-obra familiar não é suficiente. Participavam, nesse tipo de trabalho, cerca de 20 a 30 pessoas que eram

solicitadas pelo 'puxador do serviço', como era chamado aquele que convocava o trabalho, para ajudarem em alguma atividade. Chegavam à casa do 'puxador' e este depois de servir o café, dava início às coordenadas para que o trabalho fosse iniciado. Somente os homens eram convocados para o trabalho e quando se aproximava o final do dia, suas respectivas mulheres e filhos iam para a casa do 'puxador' onde estavam os ajudantes para, depois de terminado o trabalho, participarem da festa na qual era cantado e dançado o fandango ou arrasta-pé, que se arrastava ao longo de toda a noite. No caso do puxirão o 'puxador' não ficava devendo nada para as pessoas que o ajudaram, uma vez que ele era o responsável por oferecer a alimentação dos participantes e financiar a festa que ocorria depois. O *mutirão*, ou *reunida*, foi mencionado pelos entrevistados como outra forma de trabalho coletivo praticada pelos moradores do Bairro Ribeirão. Esta prática de trabalho, assim como o *puxirão*, também se constituía como um momento no qual se fortaleciam as redes de solidariedade entre os próprios moradores do bairro e destes com outros bairros vizinhos mais próximos. O *mutirão* também é uma forma de trabalho que é convocada quando um morador necessita fazer um serviço mais pesado e num período mais curto de tempo, mas se diferencia do *puxirão* em um aspecto: não há festa depois de encerrado o trabalho. A *troca de dias* é uma forma de trabalho em que se cria uma obrigação daquele que convoca de "pagar", ou seja, retribuir posteriormente com sua força de trabalho quando for convocado por aqueles que o ajudaram. Outra diferença da *troca de dias* em relação ao *puxirão* e *mutirão* é que a primeira envolve um número menor de pessoas.

### **3.6. A religiosidade e as festas tradicionais**

Os moradores do Bairro Ribeirão são em sua grande maioria católicos, havendo somente duas famílias que se converteram recentemente ao protestantismo. A única capela católica situa-se na comunidade de Águas Claras, onde o padre de Iporanga celebra a missa

uma vez por mês. Entre as datas e rituais comemorativos do calendário católico, os moradores mencionaram: a Folia de Reis (Janeiro), Encantamento das Almas (Março e Abril), Festa da Santa Cruz (Maio), São João, Santo Antonio e São Pedro (Junho), Festa do Divino (Julho) e Nossa Senhora do Livramento (Dezembro). Além desses dias que são comemorados pelos moradores, ocorre também a Romaria para São Gonçalo nos meses de Junho e Julho. As festas eram realizadas na casa dos festeiros que eram responsáveis por promovê-la naquele ano.

A localidade de Ribeirão dos Camargo obedece às dinâmicas que caracterizaram as análises acerca dos *bairros rurais*. Nessas dinâmicas as relações de vizinhança estariam pautadas pela necessidade de ajuda mútua e a solidariedade grupal encontraria sua expressão mais visível nas atividades lúdico-religiosas, como o mutirão. Antonio Cândido define os bairros rurais como grupos formados por famílias que, em determinados momentos, se reúnem para desenvolver trabalhos conjuntos, podendo ser para plantio ou colheita de uma roça, construção de casas, entre outros. De acordo com esse autor, o bairro rural poderia ser definido como

o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais. Quer os mais amplos e organizados, geralmente com o apoio na capela consagrada a determinado santo; quer os menos formais, promovidos em caráter doméstico. Vemos, assim, que o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades (1998: 51).

### **3.7. Casas e hábitos alimentares**

As casas das famílias caboclas podem ser feitas de madeira ou barro, cobertas com telhas, taquara batida ou telhas de amianto. Em geral

tem uma sala, onde se recebem as visitas, e também onde pode se guardar sacos de arroz, milho, etc. Esses sacos tamb[em podem ser guardados no jirau, no forro da sala. A cozinha é a peça mais importante da casa onde se preparam e consomem os alimentos. Ela pode ser dentro ou fora da casa, e em ambos os casos utiliza-se, o fogão de lenha, em cima do qual pendura-se pedaços de toucinho, lingüiça, grãos de café. De manhã bem cedo, antes de se ir para a roça, serve-se o café plantado no terreiro, torrado e socado no pilão. O virado, feito de farinha de milho, feijão, arroz, macarrão e ovos e às vezes com toucinho ou pedaços de carne. Ainda no café da manhã pode ser servido o cuscuz de arroz, paçoca de amendoim, virado de banana, banana da terra frita ou batata doce frita. O almoço é servido entre 11 e meio dia, com pratos de arroz, feijão, abóbora, às vezes peixe frito (lambari), ovos batidos com farinha de milho, macarrão, mandioca frita ou cozida. Pode-se comer também frango frito ou cozido, uma vez que quase todos criam galinhas e alguns criam porcos. À tarde há o lanche com café, banana ou mandioca frita. Na janta, servem-se em geral os mesmos tipos de prato do almoço.

### **3.8. Serviços e infra-estrutura social**

O Bairro Ribeirão dos Camargo possui uma estrutura bastante precária no que concerne aos serviços de saúde e educação.

#### **Saúde**

A assistência à saúde se dá através do Programa Saúde da Família (PSF) que, em teoria, prevê a assistência à saúde das famílias através de visitas regulares feitas por médicos, dentistas e enfermeiros. No entanto, as visitas às famílias do Bairro Ribeirão vêm sendo feitas somente por um enfermeiro e um agente de saúde, fazendo aproximadamente 12 meses que não ocorre a visita de um médico. As visitas do enfermeiro e do agente de saúde ocorrem uma vez por mês em lugares pré-definidos para onde os moradores devem se dirigir, podendo ser a escola do bairro, a casa de algum morador ou até mesmo a guarita do Parque. Em casos de

emergência os moradores devem se dirigir ao Posto de Atendimento de Iporanga ou ao Hospital Regional de Pariquera-Açu.

### **Educação**

Com relação à educação escolar, o Bairro possui, nos dias de hoje, somente uma escola de 1ª a 4ª série. Até o início da década de 1990 estava ativa a escola conhecida como Escola do Morro do Chumbo, de 1ª a 4ª série, inserida no interior do território que é reivindicado hoje pela comunidade. Essa escola recebia um grande número de alunos residentes no Bairro Ribeirão e foi desativada em meados da década de 90, diante da ausência de manutenção da estrada de acesso que, sendo responsabilidade do governo municipal, deixou de ser feita com a implantação do Parque. A precariedade da estrada que levava até a escola impossibilitou que o trajeto fosse feito por professores e alunos, levando à sua desativação. As crianças e adolescentes que moram nas proximidades do Morro do Chumbo devem, para conseguirem freqüentar a escola, percorrer um trajeto diário de aproximadamente três horas e meia para pegarem o veículo escolar que as transportará para a Escola Municipal do Bairro Ribeirão e para a Escola Municipal de Iporanga. As crianças costumam sair de casa na madrugada, por volta de quatro horas da manhã, e percorrem um trajeto difícil, ficando extremamente intransitável nos dias de chuva, acarretando um desgaste físico nas crianças e nos pais que a acompanham.

O pedido de reativação dessa escola já foi feito inúmeras vezes através da Associação das Comunidades Caboclas do Bairro Ribeirão dos Camargo, em torno da qual os moradores estão organizados, mas não foi atendido sob o argumento de que haveria poucos alunos e o investimento não compensaria. Depois de finalizada a 4ª série, os alunos devem se dirigir para a Escola Municipal de Iporanga, onde é oferecido até o Ensino Médio.

As crianças cursam até a 4ª série na escola municipal do bairro Ribeirão e quando passam para o ensino médio começam a freqüentar a escola

localizada no município de Iporanga. A partir dos dezoito anos alguns jovens saem para buscar emprego em cidades como Iporanga, São Paulo ou Curitiba, se dedicando principalmente a atividades no ramo da construção civil (ajudante geral) e como auxiliares na linha de produção industrial. Outra alternativa para esses jovens é buscar trabalho no próprio bairro ou em bairros vizinhos como diaristas nas atividades agrícolas e em serviços nas fazendas próximas. Até completarem dezoito anos os jovens da comunidade, além de freqüentarem a escola na cidade, auxiliam seus pais nas atividades agrícolas e a renda que obtêm como diaristas também auxilia na renda total da família.

### **Transporte**

A precariedade não atinge somente o transporte escolar, uma vez que os moradores do Bairro Ribeirão não contam com nenhum meio de transporte público coletivo. Os moradores, quando vão para a cidade, costumam se locomover a pé ou de carona. No interior do Bairro a locomoção se dá a pé ou a cavalo. As estradas utilizadas pelos habitantes não possuem manutenção devido às restrições da legislação ambiental, dificultando a mobilidade dos moradores. No entanto, a Associação da comunidade já reivindicou por meio de vários documentos a melhoria da estrada.

### **Energia, telecomunicação e saneamento básico**

Devido à ausência de luz elétrica nas casas, a telecomunicação também fica prejudicada. Nenhuma casa do bairro possui energia elétrica, havendo somente lampiões abastecidos por óleo diesel ou querosene, comprados pelos próprios moradores. Não há internet ou serviços de telefonia, não havendo nenhum telefone público no bairro, somente em Iporanga.

A captação de água se dá através dos córregos mais próximos de cada casa, sendo responsabilidade de cada família a sua captação. Não há coleta e nem tratamento de esgoto e as poucas casas que possuem banheiro se utilizam da fossa negra.

## **Bibliografia**

**Arruda, Rinaldo; Diegues, Antonio. Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Ministério do Meio-Ambiente, Brasília, 2001.**

**Cândido, Antonio. Parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades, 1998.**

**Gomez-Pompa; Kaus, A.. “Domesticando o mito da natureza selvagem”. In Diegues, Antonio. Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Nupaub-Hucitec, 2000.**

**Figueiredo, Luiz Afonso. O meio-ambiente prejudicou a gente: políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento: desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Unicamp, 2000.**